



Relação do Poderio Holandês no Oriente, 1621

André Coelho

André Coelho foi um capitão português bastante activo nos mares orientais nas primeiras décadas do século XVII, que

aparece repetidamente mencionado na documentação coeva oriunda do Oriente, mas que nunca mereceu um estudo biográfico detalhado. A sua minuciosa relação, escrita em 1621, era dirigida à Coroa ibérica e pretendia descrever a dimensão do poder holandês no Oriente, ao cabo de duas décadas de sistemático assédio às posições portuguesas. À semelhança de outros alvitres por esses anos enviados aos Filipes, o relatório de Coelho avançava com planos militares concretos para se acabar com o poderio holandês em toda a Ásia marítima, planos esses que passavam pela organização de uma poderosa armada luso-espanhola, reunida em Manila, que atacasse sistematicamente as posições holandesas e perseguisse implacavelmente os navios dos rebeldes dos Países Baixos. Tal projecto, contudo, nunca se concretizou. O manuscrito de André Coelho, que aqui se transcreve parcialmente, conserva-se inédito na Biblioteca Nacional, em Lisboa, tendo sido divulgado até à data apenas numa dissertação de licenciatura policopiada, *Os Holandeses e o Império Português do Oriente (1595-1641)*, apresentada, em 1974, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por Maria Manuela Sobral Blanco.

Fonte utilizada: André Coelho, *Relação de muita importância* [Códice 638, Fundo Geral, Biblioteca Nacional de Lisboa]. O texto, que aqui se publica parcialmente pela primeira vez, foi modernizado por Pedro Loureiro.

André Coelho was a fairly active Portuguese captain sailing the Eastern seas in the early decades of the 17th century. His name appears

repeatedly in contemporary documents from the Orient but so far there has been no biography of him. His detailed report, written in 1621, was sent to the Iberian court with the aim of describing the extent of Dutch power in the East following twenty years of systematic attacks on Portuguese outposts. Like other reports submitted to the Spanish monarchs, Coelho's report presented concrete military plans to thwart Dutch power throughout maritime Asia, including organising a powerful Portuguese-Spanish armada from Manila which would attack the Dutch positions and pursue the ships from the rebel Netherlands relentlessly. Such plans never materialised and André Coelho's manuscript, a part of which is transcribed herein, has been preserved, unpublished, at Lisbon's National Library. So far, it has only been published in a cyclostyled graduate dissertation entitled "The Dutch and the Portuguese Empire of the East (1594-1641)" submitted to Lisbon University's Faculty of Arts in 1974 by Maria Manuela Sobral Blanco.

Source used: André Coelho, *Relação de muita importância* [Codex 638, General Collection, Lisbon National Library]. The text published in part here for the first time, has been modernised by Pedro Loureiro.

Deve Sua Majestade considerar de quanta importância é acudir-se com toda a brevidade possível ao particular remédio destas partes, e mandar uma armada grossa, equivalente a se poder de todo lançar e extinguir o inimigo holandês do arquipélago do sul, que tão apoderados estão, não tão somente daquelas ilhas, como da maior parte de toda a Índia¹. Advertindo que em toda a costa de Negapatão, São Tomé, Paleacate e Masulipatão, Gergelim [Hughli], Bengala, Pegu e Tenassarim, têm estes rebeldes comércio e feitorias em diversos portos, donde de ordinário navegam suas embarcações e as dos naturais com cartazes² dos ditos holandeses, segurando-as com galeotas apatachadas tomadas aos pobres e miseráveis portugueses, que amedrontados destes rebeldes já não ousam navegar por aqueles mares. E assim se vai de todo concluindo este pobre e miserável Estado [da Índia].

A maior parte das ilhas Malucas estão também [ocupadas] pelos ditos holandeses, mormente as do cravo. E a ilha de Ternate tem quatro fortalezas, *Malajo*, *Tacome*, *Taloco* e *Calámata*; e na mesma ilha tem Sua Majestade três [fortalezas], a nossa fortaleza antiga³, e outra a que chamam *Dongil*, e Santa Luzia. Na ilha de Tidore tem o dito inimigo [holandês] uma fortaleza a que chamam

Mariequo Grande e outra mais que de novo fizeram no sítio de Rume [Rhun]. Na ilha de Moutel [Motir] têm outra fortaleza, com duas retiradas ao monte, e é das quatro [ilhas] do cravo a mais pequena, e toda está pelo dito inimigo. A ilha de Maquien, que é a maior e mais abundante de cravo, está toda pelos ditos flamengos, cercada de quatro fortalezas, *Taifaço*, *Monfaquia*, *Tabolola* e *Guita*. E todas estas quatro ilhas, estão quase à vista umas das outras, e todas em uma direitura. Tem [o inimigo holandês] na Batachina [Halmahera] e em Geilolo [Halmahera] e na Boconora [?] outras fortalezas, [e] em diversas ilhas, como são as de Bachão [Bachan], que lhes servem tão somente de se fazer nelas algum mantimento a que chamam sagu. O qual só para os naturais pode servir, e para a gente de Europa [só] por necessidade, e não é proveitoso continuado em semelhante nação. Tem Sua Majestade também nas mesmas ilhas algumas fortalezas para o mesmo efeito. Estão estes inimigos apoderados de todas as ilhas de Amboíno, mormente as do cravo, com certas fortalezas e presídios nelas: *Varanula*, *Hito*, *Sidcabelo*, e *Nao*, e *Bemnao*. Na mesma conformidade são senhores das ilhas de Banda, com as fortalezas necessárias, como é a de Pulo Ai, grande e forte, e outras da mesma importância.

Negapatão, in António de Mariz Carneiro, *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia*, 1639. Retirada de F. Bethencourt, K. Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. 2 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1998).



ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

São senhores de toda a costa de Java Maior e Menor⁴, com diversas fortalezas e partes e paragens de interesse⁵ ao seu trato e comércio. [Têm] feitorias em Agaçaim [Gresik], Tubão [Tuban], Coria [Cirebon?], e Panaruca [Pamanukan], que é na mesma costa da Java, além da de Batão [Bantam] que têm na Sunda, onde vêm deferir todas as suas naus, e dali se dividem para todas as mais partes de outra que de novo fizeram à força dos naturais, que se chama Jaquatura [Jacatra]. Na costa de Samatra, da banda de dentro, têm feitorias em Jambi e Andregui [Indragiri], de muita e muito boa pimenta. [Têm também] fortaleza na ilha de Timor e [na de] Solor, com o trato do sândalo que levam para [a] Cochinchina.

[Têm] feitorias e comércio por toda a costa de Champá, contrantado com este rei a lhes deixar fazer naus patachos e galeotas, [pois é terra] onde há infinita e boa madeira, e muito fértil de mantimentos. [Têm feitoria em] Beliza [?], onde de forçado há-de ir demandar a nossa frota da China, à ida e à vinda. [Têm] comércio e feitorias por toda a ilha de Bornéu, onde há muita pedraria de diferente qualidade. Navegam com grande cópia de naus para Japão, e o ano passado de 1620 aportaram naquela ilha passante de doze naus, e se contratavam com os reis de Harima e Firando [Hirado] que lhes deixassem fazer nos seus reinos quatro ou cinco mil japões, com largas pagas, para com eles saquearem a nossa cidade da China [Macau] e outra nossa de que se não tem certeza da que será.

Em Sião, Camboja e Patane têm estes rebeldes contratos e feitorias. Finalmente, por todas as ilhas dos Celebes e [de] Mindanao navegam com desusada exceção e liberdade, não temendo a armada de Manila e as boas vitórias que Nosso Senhor foi servido dar àquele governo. E com tudo isso, de ordinário lhes vão naus esperar as da contratação de Nova Espanha, e as embarcações dos chinas, que amedrontados das muitas

que lhes têm tomado deixaram de continuar este comércio. E se passou todo [este comércio] à Sunda, onde em cada um ano aportarão passante de vinte somas dos chinchéus, carregadas de infinitas riquezas de almíscar, ouro e seda, e outras muitas veniagas de muita importância. Tudo [o que] é o melhor da Índia, e de todo o Sul, lhes passa por seu contrato.

Navegam com tanto descrédito deste Estado [da Índia] e da nação portuguesa, tendo feitorias em Surrate e em Jasques, inimistando-nos com os Reis Vizinhos, e quantas vexações a essa conta nos fazem de ordinário os mouros e gentios. Nascido tudo dos grandes descuidos que da nossa parte houve até agora, e das impossibilidades e poucos rendimentos das alfândegas de Sua Majestade, que pelos não haver perece o real serviço todas estas misérias, e [a] pouca obediência e milícia que há na soldadesca. O que tudo se pode remediar unindo-se os dois poderes de Espanha e [de] Portugal, e ambos ordenarem uma armada de vinte galeões, ou os mais que se poderem ajuntar, e em conformidade venham e tragam a derrota que os mesmos rebeldes trazem ao porto da Sunda, porque vindo unidos como acima digo não haverá coisa no mar no decurso desta jornada que não molestem e tomem. E [poderá suceder] que em alguns portos de Java os achem desprecatados, que possa suceder alguma boa ocasião e ficarem a esse respeito tão amedrontados que os naturais se rebelem e alevantem contra eles, porque a correspondência que têm com esta gente não é de mais que por necessidade e falta de armadas nossas. E vindo como digo juntos os nossos galeões por esta mesma derrota, poderão ir em direção a Manila, onde se reformarão de muitos e abundantes bastimentos, para daí se conseguir o caminho das ilhas Malucas, incorporando-se com a mais armada daquele governo, que há-de ser de muita importância, por haverem tido já muitas vitórias destes inimigos, e não contra eles. **RC**

NOTAS

- 1 Por volta de 1621, com efeito, os holandeses tinham já ocupado posições importantes em diversos pontos do litoral asiático que os portugueses até finais do século XVI haviam frequentado sem qualquer concorrência europeia, mormente na Insulíndia.
- 2 Os portugueses haviam vulgarizado nos mares orientais a prática dos *cartazes*, autorizações de navegação em certas rotas que eram fornecidas a embarcações mercantis asiáticas.
- 3 Os portugueses, que se estabeleceram na ilha de Ternate a partir de 1521, mudaram-se para a vizinha ilha de Tidore na década de 1570;

- a fortaleza de Ternate seria brevemente ocupada pelos espanhóis alguns anos mais tarde.
- 4 Existe apenas uma ilha de Java, mas os textos europeus antigos referiam frequentemente uma Java Maior e uma Java Menor, englobando nestas designações, por um lado, a própria ilha de Java e, por outro lado, quer a ilha de Samatra que alguma das ilhas da Sunda Menor situadas para leste de Java.
- 5 Ms: *de sente*, que não faz sentido.